ISSN: 2358-8829

O Desafio de História da Paraíba como Estratégia de Ensino: contribuições para a aprendizagem histórica na educação básica e na formação docente

Maria Rita de Cássia Querino de Mélo [1]

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar as contribuições do Desafio em História da Paraíba (DHPB) tanto para estudantes do ensino básico quanto para os licenciandos em formação docente atuantes no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de licenciatura em História (UFCG), especialmente aos graduandos ligados ao núcleo escolar do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Paraíba campus Campina Grande.

Ao considerar o DHPB como uma prática pedagógica, a pesquisa busca compreender de que maneira este Desafio contribui para construção da consciência histórica dos estudantes e da constituição da identidade docente dos licenciandos envolvidos no processo. Ademais, o tema nasce advindo da experiência obtida no 3º desafio referente ao ano de 2025, experiência esta que marcou de forma significativa a minha formação docente e abriu espaço para reflexão.

O Desafio de História da Paraíba trata-se de uma olimpíada regional organizada pelo IFPB. Conta com o apoio da Associação Nacional de História (ANPUH-PB) e com a Secretaria do Estado da Paraíba, além do apoio e realização do Comitê Olímpico (órgão discente do IFPB). Tem como objetivo estimular o desenvolvimento sociocultural e educacional de jovens paraibanos ao colocá-los em contato com diversos tipos de fontes que possibilitam confrontar a realidade e a História paraibana[2].

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID. Email: cavalcanterita36@gmail.com

[2] Mais informações disponíveis em <DHPB - Desafio em História da Paraíba> Acesso em 06 de abr. de 2026.

ISSN: 2358-8829

Segundo Freire (1996) ensinar não é transferir conhecimento, desse modo é preciso mudanças nas metodologias de ensino, o estudante não é uma folha em branco e o docente não é o detentor do saber. O ensino é um processo dialético, portanto é importante que os educandos sejam envolvidos neste processo, entender o que eles sabem, como enxergam tal assunto, dar exemplos práticos, próximos e reais.

Neste quesito, principalmente no ensino de história, se faz necessário exemplos que façam os educandos ficarem curiosos e acima de tudo, sujeitos da história. Fazê-los perceberem que são pertencentes à história e que a história não fala apenas do passado e de grandes acontecimentos, têm se tornado a função primordial do professor de história. O DHPB transpassa as 4 paredes da sala de aula e se torna uma forma alternativa de ensino de história que se contrapõe diretamente com os métodos "tradicionais" de ensino.

Assim, ao tomar não apenas o DHPB, mas outras olimpíadas do conhecimento, como práticas pedagógicas de ensino, compreendemos que o ensino não se resume apenas à sala de aula e que há outras formas de ensino-aprendizagem. Desse modo, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, fundamentada em relato reflexivo de experiência articulado à revisão bibliográfica.

O DHPB E O ENSINO DE HISTÓRIA:

Sob a perspectiva de Bittencourt (2008) é necessário uma distinção entre métodos de ensino e técnicas de ensino, muitas vezes confundidos entre si. A autora nos mostra que os métodos de ensino vão depender de uma determinada concepção de ensino e da tradição escolar, enquanto que as técnicas de ensino, são ferramentas utilizadas para facilitar o ensino, pode-se utilizar uma técnica inovadora e permanecer com o método de ensino tradicional.

Quando falamos em método tradicional, nos referimos a ideia de concepção de aluno, professor e ensino que este método faz referência, ou seja, neste método há uma relação autoritária e hierárquica, onde o ensino é repassado do professor (o detentor do conhecimento) para aluno, este último considerado um agente passivo que muitas vezes deve "decorar" o conteúdo tal qual como foi dito pelo professor.

Nesse processo, o educando não participa de forma ativa do seu aprendizado, como diz Freire (1996) não há docência sem discência, o processo de

ISSN: 2358-8829

ensino-aprendizagem deve ser dialético, mútuo, o docente aprende ao ensinar e o discente ensina ao aprender. A relação professor-aluno não deve ser hierarquizada e autoritária, deve-se construir uma relação respeitosa, ética, levando em consideração que todos somos sujeitos históricos, o ensino deve ser humanizado.

Muitas vezes associamos o método tradicional apenas a escrever na lousa e no professor "transmitindo" seu saber, o que não está errado, mas também não está certo. O método tradicional é tradicional por pensar o processo de ensino como uma transmissão de saberes e não unicamente por utilizar de uma aula expositiva e de escrever na lousa, um docente pode ser tradicional e trazer técnicas de ensino inovadoras, como músicas ou filmes, mas a sua utilização restringe-se a exemplificação e para facilitação da sua transmissão de conhecimentos, sua concepção de ensino continua a mesma.

O método tradicional de ensino baseia-se na transmissão e na absorção de conhecimentos, deixando escapar o que muitos estudiosos recentes estão buscando implementar em sala de aula: a criticidade, a problematização dos conteúdos. O educando, segundo este método, só aprende quando ele repete o que lhe foi exposto, neste caso não há aprendizado, há memorização. O educando, ao não relacionar o conteúdo com sua realidade, confrontá-lo e problematizá-lo, não consegue desenvolver-se enquanto um ser crítico.

Pensando neste desenvolvimento crítico dos educandos, outros métodos e concepções de ensino vão surgindo e aprimorando-se, cabe salientar que um método não exclui completamente outro, muitas vezes até se complementam, no entanto tomamos consciência que educador e educando aprendem juntos e quando falamos em aprender, falamos em participação ativa, em problematizar conteúdos, relacionar os conteúdos com a realidade e desenvolver a capacidade de criticidade: o educando constrói sua própria visão de mundo e não apenas reproduz as de outrem.

O DHPB apresenta-se com essas especificidades, além de trazer a história local como ponto de partida de ensino de história, quebra com o padrão tradicional ao fazer com que os estudantes desenvolvam a criticidade, conheçam a história de seu Estado e entendam a complexidade da história, tudo isto de forma cooperativa e fazendo usos não apenas de uma outra concepção de ensino, mas também de técnicas de aprendizagem inovadoras.

Considerando o estudante como protagonista, o ensino de história precisa "fazer sentido", trazer exemplos simples e cotidiano deles, os fazem compreender o conteúdo

com mais facilidade. Neste caso, ao utilizar a história local como ponto de partida, faz o educando sentir-se pertencente à história, se torna "[...]um recurso teórico-metodológico de pesquisa e ensino, circunscrita num recorte espacial determinado pela atuação dos sujeitos, porém em articulação com dimensões históricas mais amplas."(Vasconcelos, 2017, p. 121).

O DHPB é uma olímpiada híbrida dividida em 5 fases, sendo 4 onlines e a fase final presencial. Cada fase online tem duração de uma semana, é liberada uma prova com 10 ou 8 questões, cada questão faz uso de diversos tipos de fontes, possui 4 alternativas e destas 4 apenas 1 está realmente incorreta, as outras 3 alternativas estão corretas, mas possuem pontuação distinta[3] de acordo com a complexidade e criticidade que cada uma apresenta.

A cada fase, há uma tarefa além das questões para ser resolvida. O desafio possui 4 edições, indo para a 5º em 2027 e até o momento algumas das tarefas foram: Transcrição de documento, A tarefa das Migalhas, Viajando no Tempo, Produção de Banners, entre outros tipos de produções. A fase final ocorre de forma presencial, onde as equipes terão uma atividade surpresa, geralmente consiste em algum tipo de produção textual de acordo com um tema específico que foi trabalhado durante todo o desafio.

Uma estratégia interessante do desafio e outras olimpíadas é que são realizadas em equipes de 3 estudantes, dessa forma trabalha a cooperação e a colaboração entre os educandos, onde podem compartilhar e debater ideias entre si e com o professor orientador que tem o papel de mediador dessas discussões, é o orientador que vai provocar, problematizar, dar dicas, mas são os estudantes que irão decidir, de acordo com os debates e sua própria convicção, o produto final.

Para ilustrar como funciona o DHPB, trago o exemplo da questão 5 da primeira fase da segunda edição, onde apresenta 2 músicas de Zabé da Loca, além da letra há o link no youtube e um quadro com informações de cada documento:

> **Letra (As Parêa)**- Andando debaixo do sol
> Dormindo na loca da pedra...
> Com uma energia pulsando
> Aprendeu a dominar

[3] A pontuação consiste em 1, 4 e 5, o estudante deve acertar a com maior pontuação, geralmente a que vale mais apresenta uma complexidade crítica-social maior em relação às outras que podem ser mais descritivas ou apresentar informações extras além das que a questão traz.

O seu pife encantado
De taboca perfurada, Juntou prato, tarol e zabumba
E danou-se a tocar...
E tome toré e tome toré
E tome toré e tome toré
E tome toré e tome toré
E tome coco e tome toré!
"Zabé! Zabé! Aonde tu tá, mulhé?
Vem pra cá pra tocá pife
Prá gente dançá um toré."
Letra (Zabé Sabe)- É Zabé carregando água
É Zabé pisando no chão
É Zabé apertando a corda de tambor
Pra fazer a percussão
É Zabé tangendo o gado
É Zabé queimando um
É Zabé tocando pife de taboca
Ou flauta de bambu.
Do meio da mata
Da idade da pedra
O som que sai daquela loca
É samba da minha terra
É Zabé Sabe
É Zabé (IFPB, DHPB-2ºed fase 1[4])

Após a introdução dos documentos, a questão:

As canções:
a. São composições de bandas paraibanas que integram organicamente elementos musicais contemporâneos com instrumentos e ritmos populares.
b. Evidenciam elementos da musicalidade regional que remetem a uma ancestralidade afroindígena persistente nos sertões nordestinos.
c. Associam Zabé a sua moradia (uma loca de pedra) de forma inadequada, ao tratar seu cotidiano simples e sua própria arte como arcaicos e primitivos.
d. Tratam de Zabé da Loca, reconhecida artista popular pernambucana que morou, durante muitos anos, em uma gruta localizada na cidade de Monteiro. (IFPB, DHPB-2ºed fase 1)

Nota-se que os estudantes precisam articular todos os documentos e realizar pesquisas, quem foi Zabé da Loca para compreender o que suas canções estão querendo dizer. Desse modo a questão incorreta seria a C, pois Zabé busca ressignificar esse estereótipo, a alternativa D vale 1, pois trata-se de uma informação “simples”. A

[4] Disponível em <DHPB - Desafio em História da Paraíba> Acesso em: 06 de Abri. 2026.

alternativa A configura-se como uma informação extra que exige uma pesquisa bem elaborada para confirmação. E por fim, a alternativa B vale 5 pois apresenta uma discussão completa, crítica e reflexiva.

O DHPB apresenta uma gama diversa de documentos e fontes em cada questão, além de trazer temas que vão da pré-história aos dias atuais na Paraíba fazendo com que os estudantes tenham o contato direto com os documentos e fazendo-os refletir e problematizar a própria história da realidade paraibana.

> Neste contexto, o ensino de história local assume uma importância singular por possibilitar a inserção do educando na comunidade da qual é partícipe, favorecendo que, com base no conhecimento da sua realidade local, seja capaz de protagonizar ações e propor práticas para solucionar problemas e transformar seu espaço de vivências. Entendemos que o ensino da história da comunidade, do bairro e da cidade dos educandos contribui de modo significativo para que se percebam sujeitos da história. (VASCONCELOS, 2017, p.123)

Schmidt e Cainelli (2004) defendem que o ensino de História deve ultrapassar a mera transmissão de conteúdos, promovendo o desenvolvimento do pensamento histórico. Para as autoras, "o ensino de história deve possibilitar ao aluno a construção do pensamento histórico, por meio da problematização e da análise da realidade" (Schmidt; Cainelli, 2004, p. 52). Tal perspectiva enfatiza a necessidade de formar sujeitos capazes de interpretar o tempo histórico e atuar de maneira crítica na sociedade. Assim, o DHPB contribui de forma significativa neste processo.

O PIBID, O DHPB E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE:

A participação no DHPB se deu através da atuação, enquanto pibidiana, no núcleo escolar do IFPB. Os Institutos Federais oferecem uma experiência e uma cultura escolar distinta das demais escolas públicas. Escolhas curriculares, cursos técnicos, apresentam outra dinâmica que não diminuem ou aumentam prestígio de escola A ou B, mas que impactam de forma diferente na formação docente.

Para Tardif (2014) os saberes docentes são construídos através da trajetória profissional, principalmente na prática cotidiana. Atuar enquanto mediadora no DHPB, abre portas para reflexões sobre o ser docente, o que faz um professor de história? Para Fonseca (2003) formar consciências. O professor de história tem o compromisso político e social de cativar o estudante para que ele possa desenvolver uma consciência histórica.

ISSN: 2358-8829

Mas de que forma fazer isto, como não ser "tradicional"? Confesso que este era e ainda é, em parte, um grande medo enquanto docente em formação. No entanto, o DHPB nos mostra que há possibilidades e caminhos para construção de uma identidade docente e que tudo trata-se de um processo. Não se aprende a ser professor com um manual, se aprende na prática, sendo. Também não sabemos o que pode ou não dar certo em uma aula, só se sabe testando.

Teste, é isto que o PIBID representa para os licenciandos em formação. É o espaço de testar, entender, compreender e ser. A cada fase do DHPB era descoberto uma coisa nova sobre a História da Paraíba, os discentes compartilhavam histórias e no papel de mediar os debates das questões, nós testamos caminhos e possibilidades que melhor se encaixariam dentro daquele contexto.

A cada fase tentamos algo diferente, discutir diretamente as alternativas, compreender primeiro os documentos e o contexto, de que forma compreender o contexto, trazer mais documentos, apresentar ideias, teorias, plantar o germes históricos Schmidt e Cainelli (2004). Nós podemos discutir sobre diversos temas, testar diversas abordagens, mas acima de tudo, nós aprendemos. Aprendemos ao pesquisar para mediar os debates, aprendemos com os estudantes e aprendemos entre si (colegas do PIBID).

O mais interessante é que essa aprendizagem não resume-se apenas a conteúdos e a História. Aprendemos a ser humanos, compreensíveis, a trabalhar em grupo e estimular o trabalho em grupo dos discentes, como diz Candau (2012) o ser docente é encarar as dimensões que fazem essa profissão, não basta apenas o conhecimento, a experiência cotidiana e a dimensão política e ética vão, muitas das vezes, se sobressair. Assim, o DHPB não contribuiu apenas para a consciência crítica dos discentes, mas também para formação profissional dos educadores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Freire (1996) a educação deve ser transformadora, o ensino de história neste contexto, tem como ação principal formar cidadãos autônomos e críticos. A história precisa fazer sentido e o educando precisa sentir-se parte dela, compreendê-la, problematizá-la, ter consciência que pode mudá-la. O docente atua como mediador desse processo de conscientização.

ISSN: 2358-8829

O DHPB proporciona a crítica, a reflexão e ainda se mostra como um método inovador, tanto pela sua abordagem de história local e regional, pelo uso e articulação de documentos, por sua forma de avaliar e pelo seu processo construtivo que incentiva a colaboração, o pertencimento e a identidade não só dos discentes, mas também dos docentes e docentes em formação envolvidos neste processo.

> Ao incorporar as diferentes linguagens no processo de ensino de história, reconhecemos não só a estreita relação entre os saberes escolares e a vida social, mas também a necessidade de (re)construirmos nosso conceito de ensino-aprendizagem. As metodologias de ensino, na atualidade, exigem permanente atualização, constante investigação e contínua incorporação de diferentes fontes em sala de aula. (FONSECA, 2003, p. 164)

Portanto, o DHPB se mostra como uma prática pedagógica alternativa de ensino de história que é complexo, desafiador, peculiar e transformador. Aos professores de história que querem motivar seus estudantes, participar de olimpíadas é uma alternativa interessante, o estudante vai ter novos conhecimentos e aprender outras habilidades, como o de trabalhar em grupo, pesquisar, articular e interpretar fontes, teorias e acima de tudo compreender a realidade em que vive e se tornar um sujeito crítico.

Assim, participar desse processo de ensino-aprendizagem através do DHPB, se faz uma experiência única, peculiar e cheia de significados identitários com a profissão e com a História. Destaca-se que existem limites e possibilidades no desafio, por ser a maior parte online, possa haver escolas que não conseguem atender quesitos necessários para a participação, mas que é um desafio relativamente novo, indo para a sua quinta edição e que pode trazer melhorias e soluções para situações como esta ou outras e promover a maior participação de jovens paraibanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados indicam que o DHPB se configura como estratégia didática significativa ao promover o trabalho colaborativo, o sentimento de pertencimento e a valorização da memória e da identidade local. Trata-se de uma contribuição significativa no processo de ensino-aprendizagem, onde os educandos compreendem a história, aprendem a problematizá-la, desenvolvem a consciência crítica e reflexiva de sua realidade e tornam-se sujeitos históricos e críticos atuantes na sociedade.

Para os licenciandos, a experiência possibilita a articulação entre teoria e prática, fortalecendo a reflexão crítica sobre o fazer docente. Desse modo, o PIBID e o DHPB

mostram-se como um espaço formativo essencial para os graduandos, que têm a oportunidade de participar, ao apresentar-se como um laboratório de experimentações da construção crítica do processo do ser docente de História.

Assim, este trabalho indica a importância de metodologias e práticas pedagógicas alternativas que prezam por um ensino dialético que visa a proximidade entre conteúdo e realidade dos estudantes, além de promover a conscientização dos sujeitos, sua formação crítica e sua autonomia cidadã. Conclui-se que iniciativas voltadas à história local/regional potencializam tanto a aprendizagem histórica quanto o processo formativo na licenciatura.

Palavras-chave: História Local, Formação Docente, Ensino de História, Experiências, DHPB.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CANDAU, Vera Maria. **Rumo a uma nova didática.** 22 ed- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. 25° ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e ensino de história**: Experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP: Papirus, 2003.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história.** São Paulo: Scipione, 2004.

INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA (IFPB). **Desafio em História da Paraíba (DHPB)**. Disponível em: https://dhpb.ifpb.edu.br/. Acesso em: 6 abr. 2026.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VASCONCELOS, Myziara Miranda da Silva. **Por uma história local: ensino de história, currículo e materiais didáticos**. In: IX Semana Nacional de História - Novas Epistemes: Espaço, Comunidades e Etnias. 9., 2017, Cajazeiras, PB. Sessão coordenada: Ensino de História. Anais [...]. Cajazeiras, PB: Universidade Federal de Campina Grande, 2017. ISSN 2525-2836. Disponível em: https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/40328. Acesso em 06 Abr. 2026.